

JOSÉ LACERDA ALVES FELIPE

JOAQUIM IGNÁCIO DE CARVALHO FILHO
E a sua Geografia
dos Homens e dos Lugares

MOSSORÓ - RN
COLEÇÃO MOSSOROENSE
SÉRIE B
NÚMERO 651
1989

JOSÉ LACERDA ALVES FELIPE

BIBLIOTECA
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

JOAQUIM IGNÁCIO DE CARVALHO FILHO -

E a sua Geografia

dos Homens e dos Lugares

(Elogio ao Patrono da Cadeira nº 13 da Academia Mossoroense de Letras, pronunciado em 28.07.89)

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE B

NÚMERO 651

1989

Instituto Histórico e
Geográfico do Rio
Grande do Norte
N.º Reg. 21.312

A SECRETARIA DA FAZENDA
COLABOROU COM A EDIÇÃO DESTE TÍTULO

HOMENAGEM ESPECIAL A
FRANCISCO DE ASSIS MIRANDA PINHEIRO

Nilo Pereira tem sido um amigo permanente do trabalho cultural de Mossoró, desde 1960.

A este grande do País de Ceará-Mirim, brasileiro eminentíssimo, a Fundação Guimarães Duque e a Escola Superior de Agricultura de Mossoró, saúdam afetuosamente nos seus jovens 80 anos.

INTRODUÇÃO

Joaquim Ignácio de Carvalho Filho foi, acima de tudo, um observador da terra e do homem norte-riograndense. Um advogado-geógrafo como tantos outros que saíram da Faculdade de Direito do Recife.

A mesma faculdade que forneceu os quadros para a formação da "Escola de Geografia do Pernambuco", através de Gilberto Osório de Andrade, Mário Lacerda de Melo, Manoel Correia de Andrade e Hilton Sette.

Observar, descrever e analisar os lugares, uma Geografia preocupada com o homem no seu relacionamento com a natureza, com o seu espaço de vida, de relações e de produção.

Os lugares descritos eram espaços conhecidos, observados, pisados pelo pesquisador de campo, cuja análise não congelava o lugar, a região, mas, levava em consideração seu movimento, suas contradições.

A sua Geografia era a forma de projetar

o futuro do Rio Grande do Norte, era a sua "Visão Prospectiva" sobre os vales do Açu, do Apodi, do Upanema, do Curimatau, do Seridó, do Pitimbu. A preocupação com o uso racional da terra, com a preservação das matas, com a cultura do algodão.

Era sobretudo a vontade de concretizar sonhos, de transformar a miséria em fortuna, através da reforma agrária pregada como alternativa para o Vale do Açu, antes mesmo da revolução russa de 1917 e da Constituição mexicana.

A sua Geografia dos homens e dos lugares era a sua bandeira de luta contra as secas, era sua proposta para eliminar o "martírio secular da terra". Era a sua poesia e o seu grito para derrubar estruturas arcaicas, que condenavam o pequeno Rio Grande do Norte a um quadro permanente de miséria, que se aprofundava a cada momento de estiagem, a cada novo período de secas.

Essa reflexão portanto, é a nossa tenta

tiva de resgate do Geógrafo que foi Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, pois o homem público já foi resgatado por Raimundo Nonato, na apresentação do livro "O Rio Grande do Norte em Visão Prospectiva" e por Alvamar Furtado de Mendonça, no prefácio do livro "Homem de Bem Comum"- Ensaio de Memória por nós publicado quando na direção da Editora da UFRN, recebemos das mãos da professora Teresa Aranha, os manuscritos que o notável homem público produziu por volta de 1930.

JOAQUIM IGNÁCIO DE CARVALHO FILHO
HISTÓRIA DE VIDA

Nasceu no Município de Martins, no dia 06 de fevereiro de 1888, estudou na "escola elementar pública de Martins, regida pelo professor Adrião de Melo" e no colégio "7 de Setembro", de Mossoró, regido pelo professor Antônio Gomes, passou pelo Atheneu de Natal e encaminhou-se para o Recife em 1904, onde

concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito em 1908.

Bacharel, retorna ao seu Estado natal, e a viagem de volta é a primeira oportunidade de observação das paisagens que ladeavam a estrada de ferro, "Deixara o Recife e atravessara as longas porções de terra da zona açucareira de Pernambuco, coberta de canaviais, espalhados, a esmo, em todas as direções, ao longo dos pequenos vales e trepados naquelas baixas colinas, tão propícias também, ali à agricultura, como as planícies. Penetrara na Paraíba e notara que, se bem que menos gentil, em algumas regiões a terra ainda se apresentava dadivosa, e uma vegetação perenemente verde atestava ainda a excelência de um solo amigo. Ao entrar no Rio Grande do Norte, naquele fim de verão, a impressão da garrancheira seca da caatinga, pelas vizinhanças de Nova Cruz, começou a me desagradar, e foi, aos meus olhos incipiente observador, que vi passar, com um vago senti-

mento de tristeza, a longa planície de areia, os vastos taboleiros mal vestidos por uma vegetação quase desértica, cortados pela estrada e, vez por outra, por vales maiores, no fundo dos quais, numa faixa estreita se es tiravam os canaviais", (1).

De volta a Martins, assume a direção do Grupo Escolar "Almino Afonso" em março de 1908, mas, sua permanência nesse cargo é pas sageira, pois no dia 14 de outubro desse mes mo ano, é nomeado promotor público do Açú , cargo que assume em 01 de dezembro de 1909.

Nos quatro anos que passou em Açú dedica-se aos estudos das secas, na observação direta de suas consequências, mas, também lendo uma vasta bibliografia sobre o assunto, mas, particularmente sobre as sugestões

(1) Filho, Joaquim Ignácio de Carvalho - O Homem de Bem Comum - Ensaio de Memória - Col. Resgate nº 3 - Editora Universitária - 1987 - Natal. pág. 21 e 22.

e alternativas para debater o "grande martírio".

No livro "O Homem de Bem Comum" o relato da iniciação ao estudo da região do Açu; "O exercício do cargo público em que me encontrava proporcionava-me, como é bem de ver, longos momentos de folga que eu utilizava andando, viajando, observando. Esquadrinei então, toda região convizinha do grande vale do Açu: da sua parte superior em São Miguel do Jurucutu a Canto do Mangue em pleno Oceano; da Cordilheira do João do Vale, aos pendores da serra de Sant'Anna voltada para o Nordeste; dos taboleiros e várzeas dos municípios de Sant'Anna e Açu às salinas e alagadiços de Macau; das vertentes principais, tributáveis do grande rio - o Paraú, o Patachoca, o Caráú, ao cerrado das grandes picadas e caatingas desabitadas que enfaixam a nossa costa setentrional e constituem, ainda agora, as reservas promissoras da nossa economia futura. (2).

Observava a terra, numa descrição telúrica, poética, mesmo quando definia as encostas dos tabuleiros dos rios, os afloramentos rochosos, as confluências dos sedimentos da Chapada do Apodi e o cristalino que se derramava da Serra João do Vale e da Serra de Santana, uma única elevação, cuja continuidade foi quebrada pela ação erosiva do Piranhas - Açu.

Mas, a sua percepção geográfica, suas observações de campo, mesmo guardando a expressão poética, era severamente confrontada com a bibliografia existente como os trabalhos de Roderic Crandall, e Felipe Guerra, na tentativa do trabalho científico, na perspectiva de que o produto de suas análises e observações, não se resumissem apenas à literatura, mas, tivesse a força de instrumento de informação para soluções de problemas que tornava o homem do vale do Açu miserável, mesmo cercado de água (lagoas do Piató e Ponta Grande e pelos rios Piranhas-Açu, Paraú e Pa

taxo) e de solos com alto teor de fertilidade, comprovados pela fartura das vazantes.

A esse respeito reproduzimos citação do livro "Homem de Bem Comum", "vi precisamente e, com a maior desolação, a massa imensa do operariado rural, ignorante, mal vestido, mal alimentado, ganhando uma minharia que só economizava até a noite do sábado próximo, em que se pagava de todas as canseiras de uma vida miserável, gastando, bebendo, dançando..." (3).

Todas essas reflexões apontando alternativas de desenvolvimento para o vale do Açu, como a irrigação, a perenização do rio Piranhas-Açu, a distribuição da terra, o crédito agrícola, garantias de preço e de mercado, transporte da produção, foram publicadas em forma de artigos nos jornais; "A cidade", "O Mossoroense", o "Nordeste" e a "República", mas, é o próprio Joaquim Ignácio de Carvalho

(3) Op. cit. pag 32.

Filho que relata em obra já citada, a sua intenção e objetivos; "O que eu desejava e procurei fazer publicando depois até uma monografia sobre o "Baixo-Açu", foi agitar o problema, invocar para ele as atenções dos administradores e dos técnicos no estudo pormenorizado e criterioso do nosso "Baixo-Açu" e na elaboração de um plano de aparelhamento do vale, suscetível de ser posto em prática com a sucessão dos tempos". (4).

No dia 05 de janeiro de 1914, é nomeado Juiz distrital de Jardim do Seridó, permanecendo nesse cargo até março de 1918.

Sua passagem pelo Seridó é marcada pelo estudo das feiras sertanejas e o seu papel sócio-econômico. A Geografia da cidade que se transforma no dia da feira, pois a cidade se torna local de compra e venda das mercadorias, mas, sobretudo um espaço de encontro

(4) Op. cit. pag. 32.

entre citadino e o roçadeiro, o sitiante, o fazendeiro. O dia da feira é o dia do batizado, do casamento, da festa de fim de feira e das reuniões e decisões políticas.

No Seridó, Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, estudou o algodão mocó, sua fibra, produtividade, utilização e preço.

A seca de 1915, é analisada de forma profunda, e, já naquela época, as suas reflexões ultrapassam a simples descrição do quadro de miséria que ocorre a cada momento de estiagem, suas preocupações com os transportes e outras conquistas da humanidade, que não chegam ao sertão nordestino, mostram que a questão nordestina está ligada a uma estrutura arcaica que não se transforma e para confirmar essa afirmação, reproduzimos a seguinte citação:

"Certamente o espetáculo mais doloroso de quantos presenciei, consistiu na movimentação macabra daquelas multidões que se deslocavam da sua terra e no passo trôpego das

caravanas maltrapilhas, sujas e famintas, mulheres, moça, homens moços de olhar embaciado, velhos e meninos, procuravam todos se abrigar nas cidades a beira-mar, nos brejos paraibanos, nos vales sempre refertos d'água do litoral.

A fome bateria à porta de toda esta gente que com os olhos marejados de lágrimas deixaria a casa humilde para vadear a pé enxuto, queimando as plantas da areia escaldante, pela última vez, (quem sabe?), o riacho bem próximo, aterrado de não correr.

A travessia era penosíssima pelas longas estradas, que assim se batisavam os meandros trilhos sertanejos; e além da fome e da nudez, havia assim a distância a vencer.

Mas aquela gente estava, na verdade, separada de tudo por uma distância ainda maior: trezentos anos de isolamento e de abandono separavam-na da civilização que tumultuava lá fora e já dera o automóvel, o avião, o rádio, todas as grandes rotas ma-

rítmicas, o prodígio da química industrial, a maravilha da máquina a serviço das mais variadas atividades humanas.

Depois de se repetir por inúmeras vezes - o terrível cataclisma - dentro do nosso período histórico, as populações do interior morriam ainda de fome pela própria impossibilidade do transporte dos gêneros de alimentação mais necessários!"... (5).

Eleito deputado ao Congresso Legislativo do Estado em 1916, apresenta vários projetos para criação de estradas e melhorias nos transportes Estaduais, alguns desses projetos foram divulgados em forma de artigos nos jornais "A Imprensa" e a "República".

É dessa época ainda um estudo sobre o vale do Upanema, apresentado em Mossoró em uma das reuniões da sociedade "Defesa do Nordeste". Este trabalho sobre o rio Upanema, determinando inclusive o local de construção

(5) Op. cit. pag. 37.

de uma futura Barragem para perenizar o rio no seu médio e baixo curso, é um verdadeiro tratado geomorfológico de uma parte do sertão norte-riograndense.

"Refiro-me ao Vale do Upanema. Derivando das proximidades da Serra do Patu, o mais importante tributário do rio Mossoró, isto é, o rio Upanema desliza por muitas dezenas de quilômetros em pleno sertão de pedra, para afrontar, de repente, abaixo do Carão, e pouco acima de Poço Verde, o grande maciço da caatinga, entestando o planalto terciário que se desata em amplas curvas tracejadas para o Nascente e Poente e que, pelo visto da serra da bacia Brava ou pelo alto da chapada de S. Sebastião, interna-se para o Assu ou para Carábas. Mas a partir da Várzea Redonda, de Conceição para cima, as várzeas se dilatam mais que em outro qualquer lugar do vale, num crescente admirável até a Rua da Palha, das várzeas amplíssimas do Carão às planuras admiráveis do Poré. Neste sítio está precisa-

mente o local para o grande reservatório do precioso líquido, vasto armazém que ali se propicia para beneficiar, do mesmo passo, o Baixo e o Superior Vale do Upanema. Ali bem próximo, talvez em Poço Verde, está o ponto em que, mais dia menos dia, a energia humana terá de vencer a bruteza de uma natureza maldraça, representando as grandes massas d'água que poderão resgatar para o trabalho produtivo e organizado - até as maiores porções das terras muito boas da caatinga adjacente".(6)

Por ato do Governador Ferreira Chaves, é nomeado para o cargo de Secretário do Governo em 18 de março de 1918. Ocupa esse cargo durante dois meses, pois a 1º de junho do mesmo ano, é nomeado para Juiz de Direito de Caicó, onde permanece até dezembro de 1923.

Em caicó, colaborava com artigos sobre questões regionais ligados a economia do Seridó, nos jornais "Correio do Seridó" e o

(6) Op. cit. pag. 39 e 40

"Seridoense". Participa da criação da "Sociedade Educadora Caicoense".

Em 1921, subsidiou a "Missão Algodadeira" também denominada de "Missão Pearse", que tinha como finalidade estudar e propor alternativas de melhoramentos da cultura do algodão mocó no sertão nordestino.

Elabora um mapa da região do Seridó, como de outras regiões do Estado: Chapada do Apodi, Vale do Upanema, Martins e do litoral úmido do Rio Grande do Norte.

Licenciado do Juizado de Caicó no final do ano de 1923, empreende viagem de estudos ao Vale do Curimatau, estuda os tabuleiros, as atividades agrícolas da região de Canguaretama e desce para o baixo-vale do citado rio, onde se desenvolve a cultura da cana de açúcar. Produz artigos sobre as condições de trabalho nessa atividade fazendo relatos como o que passamos a citar:

"Observei a faina das moagens, a fundação das novas safras, a natureza das terras,

as culturas acessórias, a condição do trabalhador, que vi empaludado e verminado, vencendo um minguado salário e cultivando nos ariscos, diminutas faixas de terra com a mandioca sem-vergonha". (7).

Em 1924, tem início o governo de José Augusto de Medeiros, que cria a Diretoria Geral de Agricultura e Obras Públicas e a Escola Agrícola de Jundiáí.

Em ato do dia 1º de janeiro do mesmo ano, o governador José Augusto, nomeia Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, para o cargo de Diretor Geral da Agricultura e Obras Públicas. Um plano audacioso para a época é elaborado, mas, Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, passa apenas um mês e treze dias no referido cargo. "Eu ia tendo a felicidade de começar no Rio Grande do Norte a grande jornada renovadora, mas as contingências humanas não me permitiram". (8).

(7) Op. cit. pag. 51

(8) Op. cit. pag. 61

Em 13 de fevereiro de 1924, é removido da comarca de Caicó, para a de Canguaretama. Aproveita a estadia na região para estudar o Brejo paraibano: "Nutria, desde muito tempo, um forte desejo de conhecer diretamente o Brejo Paraibano, a sua terra, o seu suprimento d'água, as suas culturas, a condição do seu trabalhador". (9).

No estudo do Brejo paraibano, faz comparações "diferenciações de áreas" com outras regiões do Rio Grande do Norte e constata o antagonismo imposto pela natureza entre o suprimento d'água do Brejo e do Seridó.

"A Borborema para o interior tem uma Chapada imensa. A estrada de Parelhas no Rio Grande do Norte a Campina Grande é aberta em sua maior parte no planalto desta chapada ressequida, que se desata em dezenas de léguas em todas as direções, desempenhando a função perfeita de uma esponja.

(9) Op. cit. pag. 64

Porque - as águas do inverno caindo na superfície frequentemente arenosa : daquele plano enorme, somem-se como por encanto... E navegando pelas juntas da ossada granítica, colossal, subterrânea, vem aflorar no Brejo em olheiros perenes.

O Brejo magnificamente irrigado pelo suprimento subterrâneo e pelas águas de proveniência meteórica, dispõe de terras excelentes, o arenito magnífico que é o suporte geral de todas as culturas.

Em pleno Rio Grande do Norte, nas quebradas ao poente, a cordilheira perde suavemente a sua altura; mas arremessando-se ainda para o interior, os seus contrafortes principais - a serra de Santana ao norte e a Carneira ao sul - descrevem um vasto círculo, cujo diâmetro mede dezenas de quilômetros. E o observador que se postar no centro tem a impressão de que está dentro de um anfiteatro vertíssimo... É o seridó..." (10)

Esses estudos delimitam as duas regiões vizinhas, mas, tão diferentes o Brejo e o Seridó. "No Brejo, a natureza protege e acaricia o homem.

No Seridó não". (11)

A Chapada da Borborema é o elemento determinante das condições ambientais das duas regiões, com o seu relevo permitindo uma maior precipitação no Brejo e uma baixa média para o Seridó.

Sobre o Brejo, estuda ainda a produção de cereais e o sistema de armazenagem, os silos de cimento armado e o papel de Campina Grande no escoamento e comercialização da produção do Sertão e do Brejo paraibano.

Nomeado novamente Diretor do Departamento de Agricultura e Obras Públicas, no dia 07 de março de 1925, passa novamente por um período efêmero por esse cargo, relatado da seguinte maneira: "Limitei-me, durante os

(11) Op. cit. pag. 70

quatro meses e oito dias em que permaneci à frente do malgrado aparelho administrativo, à superintendência dos serviços já existentes, tendo a mais, somente promovido uma limpeza da baixa fonte do Ceará-Mirim".(12)

A 16 de julho do mesmo ano de 1925, é nomeado Diretor do Departamento da Fazenda do Estado.

Exerceu ainda os seguintes cargos públicos no Estado: Vice-Presidente do Estado (Janeiro de 1928 a outubro de 1930), no governo de Juvenal Lamartine.

"Reconstitucionalizado o país, em 1934, foi eleito Senador Federal em 1935, pela Assembléia Constituinte Estadual.

No período da Ditadura, que se seguiu a 10-11-1937, foi chamado para a Presidência do Conselho Administrativo e para, o cargo de Prefeito da Capital e, após, de Martins onde desenvolvia atividades rurais particula

(12) Op. cit. pag. 99

res, e, veio a falecer em 09 de junho de 1948". (13)

Ressalta-se ainda os estudos geo-sócio-econômicos da região de Martins, sobre as v_uzantes do Ceará-Mirim, Potengi, Jacu, Guaju, Curimataú, Pium, Maxaranguape e Seridó.

CONCLUSÃO

Desde a leitura de "O Rio Grande do Norte em Visão Prospectiva", quando preparávamos o nosso trabalho intitulado "Notas para a Geografia Física da Região de Mossoró", que percebemos a força e a atualidade do discurso geográfico de Joaquim Ignácio de Carvalho Filho.

(13) Silva, Raimundo Nonato, in Prefácio de O Rio Grande do Norte em Visão Prospectiva de Joaquim Ignácio de Carvalho Filho. Col. Mossoroense, Mossoró. - 1976.

O seu método de trabalho seguia os passos dos Geólogos, Geógrafos e Cientistas Sociais do início desse século. O trabalho de campo, a observação "in loco", o olho, a sensibilidade, sua visão de mundo, sua caderneta de campo como instrumento de pesquisa.

O mesmo método utilizado por Roderic Crandall, por Luciano Jacques de Moraes, para produzir suas "Serras e Montanhas do Nordeste", a mesma sensibilidade de Felipe Guerra em "Secas Contra Secas".

A sua Geografia feita no início desse século, desde a sua dissertação do percurso feito pela linha férrea do Recife para Natal, envolve todos os elementos da chamada Escola da Geografia Clássica, que só chega em termos acadêmicos ao Brasil em 1934, quando o professor francês Pierre Monbeig, inicia o curso de Geografia da USP, em São Paulo.

A diferenciação de áreas, Brejo e Seridó, litoral úmido e litoral seco, é uma for-

ma de regionalização, que a escola francesa de Geografia havia criado com Vidal de La Blache, mas, que só chegaria ao Brasil com a criação da USP, em 1934.

A preocupação com a relação homem-natureza, que permeia todos os seus estudos sobre o Rio Grande do Norte, a sua Geografia pragmática, de apontar soluções, se coaduna com a metodologia da Geografia Alemã, que chega ao Brasil de forma mais concreta em 1936, quando o professor alemão Leo Waibel, cria o curso de Geografia do Rio de Janeiro.

Joaquim Ignácio de Carvalho Filho, antecipou-se ao discurso acadêmico dessas duas escolas de Geografia, foi um "precursor" na leitura das paisagens, um filho da Serra, que queria desvendar os mistérios dos vales e dos homens que neles habitavam, na alimentação do sonho de que dominando a natureza, ou aprendendo a retirar dela os recursos, reduziríamos a nossa pobreza secular, agravada pelas secas, que abortava da terra os seus

filhos, transformados em eternos "aves de arribação".

A sua Geografia era grito, poesia e ciência, que diziam que as transformações não eram meros exercícios de imaginação, mas, uma realidade que se concretizada eliminam a dor e a fome e o "martírio secular da terra e o do homem Nordestino".

CURRICULO DE JOSÉ LACERDA ALVES FELIPE

Professor Adjunto III da UFRN

Mestrado em Geografia Urbana na UFPE

Especialização em Estudos Sociais e em Sociologia - UFRN - DAU - CAPES - URRN

1. Experiência Profissional

1.1. - Professor de Geografia do Nordeste e de Introdução à Ciência Geográfica no Curso de Geografia da UFRN.

1.2. - Professor do Curso de Especialização em Geografia da UFRN.

1.3. - Professor do Curso de Especialização em Planejamento Agrícola da ESAM.

1.4. - Chefe do Departamento de Geografia da UFRN - agosto de 1987 a agosto de 1989.

1.5. - Diretor da Editora Universitária da UFRN, no período de setembro de 1984 a maio de 1987.

1.6. - Coordenador do Curso de Geografia do Campus de Caicó UFRN, no ano de 1987.

- 1.7. - Professor de Geografia Econômica no Curso de Geografia da URRN - 1975 - 1976.
- 1.8. - Membro do Conselho Editorial da Revista Terra e Sal.
- 1.9. - Membro do Conselho Editorial da URFN - 1985 - 1987.
- 1.10. - Membro do Conselho Editorial do "Caderno Norte-Riograndense de Temas Geográficos", da UFRN.
- 1.11. - Pesquisador do Programa "A Proble-mática da Seca no RN" - 1982 - 1984.

2. Trabalhos Publicados

- Livros

- 2.1. - FELIPE, José Lacerda Alves. Notas para a Geografia Física da Região de Mossoró, col. Mossoroense vol. 63 - 68 - página 978 - Mossoró-RN.
- 2.2. - FELIPE, José Lacerda Alves. Aspectos Naturais da Região do Seridó - col. Mossoroense vol. 95 - 135 páginas - 1978 - Mossoró-RN.

- 2.8. - FELIPE, José Lacerda Alves. A Geografia das Salinas. BOLETIM RECIFENSE DE GEOGRAFIA, ano 1. nº 3, página 30 a 37, jul/set. 1980. Recife, Pernambuco. Publicação da Associação de Geógrafos Brasileiros - Seção do Recife.
- 2.9. - FELIPE, José Lacerda Alves. A cidade no Rio Grande do Norte - Reflexões para Reconstrução da Utopia. REVISTA VIVÊNCIA, vol. II, nº 3, página 83 a 91, 1984, Natal, Rio Grande do Norte. Publicação do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da UFRN.
- 2.10. - FELIPE, José Lacerda Alves. Um Pretexto para a Compreensão da Seca: Um Pré-Texto, CADERNO NORTE-RIOGRANDENSE DE TEMAS GEOGRÁFICOS. vol. 3, nº 4, páginas 29 a 40, jan/jul, de 1988. Natal, Rio Grande do Norte. Departamento de Geografia da UFRN.

- 2.3. - FELIPE, José Lacerda Alves. Mos-
soró - Um Espaço em Questão col.
Mossoroense - vol. 141 - 67 pági-
nas - 1980 - Mossoró-RN.
- 2.4. - FELIPE, José Lacerda Alves. O Urba-
no do Rio Grande do Norte, col.
Mossoroense, vol. 164, 86 páginas
- 1981 - Mossoró-RN.
- 2.5. - FELIPE, José Lacerda Alves. Elemen-
tos de Geografia do RN. Editora
Universitária, 110 páginas, 1986 ,
Natal - RN.
- 2.6. - FELIPE, José Lacerda Alves. Organi-
zação do Espaço Urbano de Mossoró,
col. Mossoroense vol. 236 - 173 pá-
ginas - 1982 - Mossoró-RN.

- Periódicos

- 2.7. - FELIPE, José Lacerda Alves. Aspec-
tos Sócio-Econômico da Feira de
Caicó. REVISTA TERRA E SAL. vol.
1, nº 1 set/nov. 1982, Mossoroen-
se, Rio Grande do Norte. Publica-
ção da Faculdade de Ciências Econô-
micas da Universidade Regional do
Rio Grande do Norte.

- Anais de Congresso, Encontros

2.11. - FELIPE, José Lacerda Alves. A ideologia da Modernidade e a Feira-Livre - O Caso de Caicó. ANAIS DO 5º ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. vol. 1, páginas 361 - 362, jul. 1982, Porto Alegre. Promoção da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

2.12. - FELIPE, José Lacerda Alves. As Secas e as Novas Formas de Uso da Natureza. ANAIS DO 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. vol. 2, páginas 107 - 111, jul. 1984, São Paulo. Promoção dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

2.13. - FELIPE, José Lacerda Alves. Proposta de Conteúdo de Geografia para as primeiras Séries do 1º grau. 1º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA. jul. 1987, Brasília. Promoção da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

**ESAM: "DESENVOLVER O SEMI-ÁRIDO, DANDO
PRIORIDADE AO SOCIAL E AO ECOLÓGICO"**